

ESTRUTURA SILÁBICA E NASALIZAÇÃO EM AKWĒ-XERENTE*

DANIELE MARCELLE GRANNIER**

RESUMO

A língua Akwē-Xerente apresenta estruturas silábicas fonéticas de alta complexidade e numerosos processos como apagamento de vogais e vogais epentéticas, o que torna difícil definir as formas subjacentes das palavras. A análise acústica e a análise fonológica nos quadros da teoria autosegmental e da teoria da geometria de traços permitem estabelecer alguns princípios que conduzem à identificação dos tipos de sílaba fonológicos possíveis, bem como dos processos fonológicos encontrados na língua.

PALAVRAS-CHAVE: Akwē-Xerente, fonologia, nasalização, estrutura silábica.

1 INTRODUÇÃO¹

Alguns pontos da fonologia da língua Akwē-Xerente² desafiam há décadas os pesquisadores dessa língua. A dificuldade em se identificar a estrutura da sílaba em Akwē-Xerente resulta da variação entre apagamento e não apagamento de segmentos consonânticos, presença ou ausência de vogais epentéticas, consoantes em grupos complexos em *onset* ou em sequência de *coda* e consoante inicial de sílaba seguinte, processos morfofonológicos, além de outras variações devidas à idade dos falantes, que, quando ocorrem juntas, transformam bastante a forma fonética das palavras.

* O presente trabalho é um resultado parcial de meu projeto FONOLOGIA DA LÍNGUA XERENTE vinculado ao projeto interinstitucional UnB/UFG Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção e processos de (re)vitalização: documentação (análise e descrição), tipologias sociolinguísticas e educação escolar (LIBA), coordenado por Sílvia Bigonjal Braggio, da Universidade Federal de Goiás.

** Daniele Marcelle Grannier é professora da Universidade de Brasília (UnB) e doutora pela Universidade Federal de Alagoas.
E-mail: grannier@hotmail.com

Considerando evidências resultantes da análise acústica dos dados assim como um quadro teórico autosssegmental, em particular, a geometria de traços (CLEMENTS; HUME, 1996), retomo neste trabalho alguns desses pontos, com base em dados que incluem nova coleta, nas condições necessárias para análise acústica, com dois auxiliares de pesquisa adultos, os índios Bonfim Pereira Rodrigues Xerente e Noemi da Mata de Brito Xerente, realizada em julho de 2008. Os pontos que discuto a seguir referem-se à existência de grupos consonânticos complexos na sílaba fonética e à questão da nasalização, tanto em consoantes como em vogais.

2. ESTUDOS SOBRE A FONOLOGIA DO AKWĒ-XERENTE

2.1 A análise pioneira de Mattos

A primeira análise da fonologia do AkwĒ-Xerente, *Fonêmica Xerente*,³ foi realizada por Rinaldo de Mattos e publicada em 1973, no quadro da teoria fonêmica de Pike (1947). Nesse trabalho, Mattos comenta as dificuldades de análise de algumas questões para as quais não encontrou soluções satisfatórias. Embora o autor se proponha a apresentar uma análise sincrônica da língua, é sintomático que, já na primeira seção do trabalho, sobre a sílaba, ele saliente a relação entre as línguas Xavante e Xerente, mostrando que algumas vogais presentes em palavras do Xavante se perderam em Xerente.⁴

Mattos define doze tipos de sílaba, apresentando-os subdivididos em quatro conjuntos, de acordo com a distribuição das classes de vogais, a saber, (I) sílabas abertas, em que podem ocorrer todas as vogais da língua: CV₁, CCV₁, CCCV₁, CCCC₁ e CCCCCV₁, (II) sílabas com consoante final, nas quais ocorrem todas as vogais exceto /o/: CV₂C, CCV₂C, CCCV₂C, CV₂CC e CCV₂CC, (III) sílaba sem consoantes, V₃, na qual ocorrem apenas as vogais /ĩ/, /a/ e /ã/ e (III) sílaba V₄C, que pode apresentar apenas as vogais /ĩ/ ou /a/. Os exemplos com mais de duas consoantes em posição inicial de sílaba, citados pelo autor, são os seguintes.⁵

/ba to tktikrɛ/ ‘emagreceu’

/ba to rotbba/ ‘ficou vazio’

/adut krhërë/ ‘ainda está gritando’
/tahât krbrëbë/ ‘ele está falando’
/tadōrit krdrō/ ‘eles estão andando bem’

É interessante salientar que Mattos identificou oposição entre as vogais orais e nasais e, no caso das consoantes, analisou os fonemas /b/ e /d/ como ‘nasais’, em oposição aos fonemas ‘orais’ /p/ e /t/ (e também /k/), identificando, em cada uma das consoantes ‘nasais’, em posição inicial de sílaba, uma variante oral, [b] ou [d], além da variante nasal [m] ou [n], respectivamente, com distribuição condicionada à presença de vogal oral ou nasal no núcleo da sílaba. Observou também que, em posição final de sílaba, ocorrem apenas as variantes nasais desses fonemas. Por outro lado, apontou que a distribuição complementar, reproduzida acima, que justificava sua análise, apresentava contra-exemplos, em razão da perda de vogais, tais como /da.dkë/ ‘morto’, no qual o fonema /d/ se realiza [d] e /da.dka/ ‘cães’, cujo fonema /d/ se realiza [n]. Apesar disso, manteve a análise apresentada, devido ao número reduzido dos contra-exemplos.

2.2 Outras análises

Em análises posteriores, ainda no quadro da fonologia segmental, tentou-se apresentar uma alternativa à análise de Mattos (GRANNIER & SOUSA, 2005; GRANNIER, 2005a e 2005b; SOUZA, 2008), no que diz respeito à existência da oposição oral/nasal tanto entre consoantes como entre vogais e à possibilidade da interpretação de alguns grupos consonânticos complexos como duas sílabas independentes, nas quais se podem identificar núcleos vazios, com base na presença de vogais epentéticas entre consoantes, tais como são encontradas, por exemplo, nas palavras [kədə], variando com [kdə] ‘anta’. Essas análises, entretanto, por se aterem a uma fonologia segmental, ainda necessitam ser revistas.

3 A NASALIZAÇÃO DE CONSOANTES E DE VOGAIS

Na língua Akwë-Xerente, encontra-se a situação, pouco comum nas línguas do mundo, em que a oposição entre nasais e não nasais

é relevante tanto entre vogais como entre consoantes e não pode ser atribuída à presença de segmentos nasais vizinhos.

3.1 A oposição entre vogais orais e nasais

Considero que há oposição entre vogal oral e vogal nasal, porque se encontram, em sílabas fonéticas,

(1) tanto vogais orais como vogais nasais, sem outros segmentos nasais, como nos seguintes exemplos.

[tɔ] ‘alegre’	[pikõ] ‘mulher’
[zə] ‘jiboia’	[rã] ‘branco’
[hiɰa] ‘céu’	[haũẽ] ‘dia’
[krɛdi] ‘estar seco’	[krẽ] ‘periquito’

(2) quanto uma vogal nasal como uma sequência de vogal oral e consoante nasal, como nos exemplos a seguir.

[mõku] ‘pato’	[amkɛ] ‘cobra’
[srãzazɛ] ‘escorpião’	[wazumzɛ] ‘feijão’

3.2 A oposição entre consoantes orais e nasais

Há oposição entre as consoantes oclusivas surdas e sonoras, como se pode verificar em /kupa/ ‘mandioca’ e /kuba/ ‘barco’ assim como entre consoantes oclusivas surdas e consoantes nasais, pois todas podem ocorrer, em sílabas CV com vogal nasal, como /t/ em [tã] ‘chuva’ e /n/ em [nõkəñõ] ‘peito (de alguém)’.

E, embora a única situação em que ocorrem tanto consoantes oclusivas sonoras não nasais /b/ e /d/ como consoantes nasais /m/ e /n/ seja limitada à posição em coda no interior da palavra, como em [dadkə] ‘morto’, [dasikmãdkizɛ] ‘espelho’ e em [pɰɔnkəñi] ‘dois’, as restrições e neutralizações nas demais posições podem ser explicadas por meio de processos fonológicos, com base no Princípio de Contorno Obrigatório (Obligatory Contour Principle - OCP), que proíbe elementos adjacentes idênticos (CLEMENTS & HUME, 1995, p. 262).

3.3 Os processos fonológicos relativos à nasalização

Os processos fonológicos relativos à nasalização se dão no domínio da sílaba e respeitam os limites morfológicos. A direção do espalhamento da nasalização é da direita para a esquerda.

A restrição de segmentos contíguos com um mesmo traço

Em sílaba com consoante nasal em *coda*, ocorrem no núcleo apenas vogais orais, como em [amkɛ] ‘cobra’ e em [ʉazumzɛ] ‘feijão’, ou seja, há uma restrição fonológica, que pode ser representada por [*VN. C]. Essa restrição deve ser atribuída ao peso da sílaba, pois a vogal nasal corresponde a duas moras e não pode, portanto, na forma subjacente, ser seguida de consoante nasal que também contaria para o peso da sílaba.

O fato de existirem sílabas com vogal nasal seguida por consoantes oclusivas surdas, como os complexos de tempo-modo-aspecto [mɛ̃t] ‘3ª. pessoa, passado perfectivo realis’, e [mɛ̃p], ‘3ª. pessoa, passado, perfectivo interrogativo’ (SOUSA FILHO, 2007, p. 156), evidencia que o impedimento está na rima, pois a consoante /p/, final, não conta peso.

Desse modo, o peso silábico bloqueia tanto a estrutura silábica em que uma sílaba com vogal nasal teria *coda* nasal [*VN.C], como o espalhamento regressivo, da nasal em *coda* para uma vogal oral, pois a consoante nasal já preenche a estrutura máxima da sílaba.

Como as consoantes oclusivas surdas não contam mora, a estrutura com vogal nasal seguida por *coda* oclusiva é licenciada na superfície. Por outro lado, como a consoante nasal em *coda* conta mora, a estrutura constituída de vogal nasal seguida de consoante nasal não é permitida.

Há ainda uma outra situação em que a sílaba fonética apresenta dois segmentos nasais, o que pareceria invalidar a análise apresentada, caso se devesse reconhecer um dos segmentos como uma *coda* nasal. É o caso das sílabas com ditongos nasais tais como [ɔ̃ĩ] em [sɔ̃ĩtɛ] ‘arara’. Como se verá adiante, entretanto, em Akwẽ-Xerente há oposição entre hiatos e ditongos, de forma que a sequência [ɔ̃ĩ], entre outras, é identificada como constituinte do núcleo da sílaba. Por outro lado, entre os ditongos há apenas a possibilidade de ditongos inteiramente nasais

ou inteiramente orais, não ocorrendo casos de ditongos em que apenas um dos segmentos seja nasal, sendo o outro oral.

O espalhamento da nasalização

É interessante observar que a análise de Mattos já contemplava o processo de assimilação que pode ser explicado como o espalhamento da nasalização da vogal para o *onset*. A nasalização da vogal espalha-se no domínio da sílaba, da direita para a esquerda, alcançando as consoantes sonoras (/b/ ou /d/) ou os grupos de consoantes (/br/, bd/ e /db/) do *onset*, de modo que não se encontram sílabas fonéticas constituídas de consoante ou de grupo com consoantes sonoras orais seguidas por vogal nasal (*[b]V, *[d]V, *[br]V, *[bd]V) mas apenas as sílabas correspondentes, com os segmentos nasalizados, como se pode observar nos exemplos a seguir.

(C)[m]V	[mã.ku] ‘pato’ [ktə.kmõ.kra] ‘bezerro’
(C)[n]V	[nõ.kə.nõ] ‘peito’ [knẽ] ‘pedra’
[mr]V	[mrõ] ‘mato’
[mn]V	[ku.mnõkã] ‘espingarda’

Dessa forma, o OCP não é violado, porque a sílaba fonológica apresenta apenas um segmento com o traço nasal: /bã.ku/ ‘pato’, /ktə.kbõ.kra/ ‘bezerro’, /dõ.kə.dõ/ ‘peito (de alguém)’, /kdẽ/ ‘pedra’, /brõ/ ‘mato’ e /ku.bdõkã/ ‘espingarda’.

Note-se que a consoante flap [r] é transparente ao processo de nasalização, permitindo a nasalização através dele, como em /brõ/ [mrõ] ‘mato’.

Duração das vogais em sílabas abertas e em sílabas travadas com coda nasal

Há uma variação notável na duração das vogais, dependendo de se encontrarem em sílabas abertas ou em sílabas com consoante nasal

em *coda*. Assim, [mõku] ‘pato’, em composição, ocorre seguido por consoante final [mõkum#uda] ‘bico de pato’. Do mesmo modo, [rɔ] ‘coisa, bicho’ corresponde a [rɔm#uda] ‘bico (de bicho)’ e [rɔm#bi] ‘rabo (de bicho)’, e [kupazu] ‘farinha’ a [kupazum#krɔ] ‘farinha d’água’ ou a [kupazum#ktabi] ‘farinha seca’, entre outras.

Nas formas sem consoante (nasal ou não), verifica-se, como previsto pela teoria da mora, um *alongamento compensatório* da vogal. Vejam-se na tabela abaixo as medidas da duração das vogais finais das palavras, mais longas, na primeira coluna, na sílaba fonética em que não há consoante em *coda*, e as medidas da duração das vogais nas palavras nas quais se encontram consoantes em *coda*, na segunda coluna.

QUADRO 1 - COMPARAÇÃO DA DURAÇÃO DE VOGAIS EM SÍLABAS COM E SEM CODA

Vogais em sílabas sem coda	Duração (segundos)	Vogais em sílabas com coda	Duração (segundos)
mõku ‘pato’	0,203	mõkum#uda ‘bico de pato’	0,076
kupazu ‘farinha’	0,176	wazum#zɔ ‘feijão’	0,055
karɔ ‘arroz’	0,250	karɔ#ste ‘arroz cru’	0,078

4 A ESTRUTURA INTERNA DA SÍLABA

A sílaba da língua Akwẽ-Xerente é constituída de *onset* e rima, e pode ser constituída de núcleo e coda. O núcleo é o único elemento indispensável na constituição da sílaba. Veja-se a seguir cada um dos constituintes da sílaba dessa língua.

4.1 O onset

Todas as consoantes, isoladamente, podem constituir *onset* de sílaba, no início ou no interior da palavra, em sílaba CV. O mesmo ocorre com a vogal assilábica [ɥ], como em [ɥaũɛ] ‘velho’ e, portanto, esse segmento deve ser considerado uma consoante e passa a ser representado por /w/, como se pode ver no Quadro 2, a seguir.⁶

QUADRO 2 - OCORRÊNCIAS DE CONSOANTES EM *ONSET* SIMPLES

p	[pikõ] ‘mulher’ [kupazu] ‘farinha’	t	[tã] ‘chuva’ [sɔ̃tɛ] ‘arara’	k	[karɔ] ‘arroz’ [sika] ‘galinha’
b	[bakənõ] ‘menina’ [arbɔ] ‘morcego’	d	[datɔ] ‘olho’ [kədɔ] ‘anta’		
m	[mãra] ‘noite’ [kwatbremĩ] ‘menino’	n	[nõ.kə.nõ] ‘peito’ [kunẽ] ‘mau’		
		s	[si] ‘pássaro’ [utase] ‘muriçoca	h	[hawẽ] ‘dia’ [kuhɔ] ‘porco’
		z	[bizu] ‘buriti’		
		r	[rurukwa] ‘c. coral’ [karɔ] ‘arroz’		
w	[wawẽ] ‘velho’				

Além da sílaba CV, a sílaba fonética pode apresentar uma estrutura constituída (1) apenas por uma vogal ou por vogal seguida de consoante em *coda*, sem consoante no *onset*, ou (2) de uma estrutura com até quatro consoantes no *onset*. A sílaba fonológica, entretanto, apresenta uma estrutura mais simples devido à existência de núcleos vazios, que desfazem as sequências de consoantes.

Vejam-se, abaixo, exemplos das possibilidades de sílabas fonéticas sem *onset* – apenas com vogais no núcleo – seguidas ou não por *coda* – e também exemplos das possibilidades de sílabas fonéticas com *onsets* complexos.

V(C)

[a.kde] ‘campo’

[ĩ.mrõ] ‘minha esposa’

[am.kɛ] ‘cobra’

[aj.kde] ‘menino’ (fala masc.)

V. V (HIATO)

[stukaĩpreã] ‘pica-pau branco’

CCV(C)

- [**ktu**.re] ‘curto’
[**knē**] ‘pedra’
[**ktə.kmō.kra**] ‘bezerro’
[ku.**mnōkǎ**] ‘espingarda’
[**mrǎ**] ‘mato’
[**prɛ**] ‘vermelho’
[**tkaj**.tmō.rǎ] ‘areia’
[**pse**.di] ‘bom’
[wa.**ptɛ**] ‘jovem’
[**smī**.ke.**mzɛ**] ‘facão’

CCCV

- [da.**tbrɔ**.zɛ] ‘barco’
[krda]’ e [krɔda] ‘velho’

As questões relativas às análises do *onset*, serão examinadas na seção 5.

4.2 O núcleo

O núcleo da sílaba em Akwẽ-Xerente pode ser constituído por apenas uma vogal⁸ como se pode ver no Quadro 4, apresentado mais adiante, ou pode ser constituído por ditongos, como será discutido em seguida.

QUADRO 3 - OCORRÊNCIAS DE VOGAIS ORAIS E VOGAIS NASAIS

ĩ [padĩ] ‘tamanduá’	ĩ [ʋaktĩ] ‘preto’	u [abɔdu] ‘abelha’
ĩ [kʋatbremĩ] ‘menino’		
e [tbe] ‘peixe’	ɔ [kɔdɔ] ‘anta’	
ẽ [kukrẽ] ‘cabaça’	õ [ʋapsõ] ‘cachorro’	õ [pikõ] ‘mulher’
e [amke] ‘cobra’	a [sika] ‘galinha’	ɔ [arɔ] ‘morcego’

4.3 Oposição entre hiatos e ditongos

A questão do contraste entre ditongos e hiatos se coloca em Akwẽ-Xerente apenas com os ditongos decrescentes, nos quais a vogal assilábica ocorre seguindo a vogal silábica. No caso dos ditongos fonéticos crescentes, considera-se, como se viu na seção sobre o *onset*, que o [ɥ], assilábico, que ocorre entre a consoante e a vogal (como no exemplo [pɥonkɥanẽ] ‘dois’, que aparece no quadro abaixo, para comparação de medidas de duração), faz parte do *onset* dessa sílaba, ocupando a posição de consoante (a pequeníssima duração desse ditongo fonético, em comparação com a dos demais tipos de ditongos do quadro, confirma seu estatuto diferenciado) e, como no caso de wawẽ ‘velho’, no quadro das consoantes em *onset* simples, ele passa a ser representado por /w/.

Há uma distinção fonética clara entre hiatos e ditongos: além da possibilidade de um hiato ser constituído por vogais médias e baixas, o que não pode ocorrer em ditongos, nos quais uma das vogais sempre deve ser alta, as vogais em hiatos como [stukaĩpreã] ‘pica pau branco’ contrastam com as vogais em ditongos como em [sɔĩte] ‘arara’ e [saure] ‘grande’, pela duração de seus segmentos vocálicos, como se pode ver na tabela abaixo, comparando os exemplos de hiatos, na primeira coluna, com a de ditongos, na segunda coluna.

QUADRO 4 - COMPARAÇÃO DA DURAÇÃO DE VOGAIS EM HIATO E EM DITONGO

Hiatos	Duração (segundos)	Ditongos	Duração (segundos)
[stukaĩpreã] ‘pica-pau branco’	0,226	[sɔĩte] ‘arara’	0,162
[stukaĩpreã] ‘pica-pau branco’	0,468	[ai.kde] ‘menino’ (fala masc.)	0,154
[asai] ‘cunhada’	0,219	[saure] ‘grande’	0,141
		[pɥonkɥanẽ] ‘dois’	0,098

Por outro lado, do ponto de vista fonológico, dada a situação encontrada em palavras como [sɔĩte] ‘arara’ e considerando a restrição [*VN. C], examinada acima, que impede a presença de segmento nasal em *coda*, quando o núcleo apresenta vogal nasal, deve-se reconhecer aí um núcleo complexo. Não seria possível a sequência de um núcleo com

vogal nasal e de um segmento nasal na posição de *coda*, como se viu na seção 3, acima. Outro fato que corrobora a distinção é a possibilidade de haver no hiato, além da sequência de duas vogais orais, uma sequência de vogal oral e vogal nasal, o que não é possível no ditongo.

Foram encontrados três tipos de ditongos decrescentes: dois orais - aɨ e, aĩ - e um nasal - ǣ̃, exemplificados no Quadro 5.

QUADRO 5 - OCORRÊNCIAS DE DITONGOS

	aɨ	aĩ
Oral	[saurɛ] ‘grande’	[aĩ.kdɛ] ‘menino’ (fala masc.)
Nasal		[sǣ̃tɛ] ‘arara’

4.4 A coda

O número de consoantes que pode ocorrer em *coda* é bem reduzido, como acontece em muitas línguas do mundo.

Há poucos tipos de consoantes em *coda* nos meus dados. Existem apenas as consoantes /m/, /b/, /n/, /d/ e /s/, como nos exemplos /amkɛ/ ‘cobra’, [pʉɔnkʉanɛ̃] ‘dois’ e [karɔs#tɛ] ‘arroz cru’. Há ocorrência de /r/ em situação aparentemente de *coda* (fonética), precedendo uma sílaba iniciada por /b/, como se pode ver em [arbɔ] ‘morcego’. Mas como o grupo /rb/ ocorre em *onset*, não é necessário considerar /r/ como *coda*. Além disso, a sequência /rn/ ocorre na palavra [nĩrnã] ‘flor’, na qual o /r/ não pode ocorrer na *coda* da sílaba precedente, pois essa é uma sílaba pesada, com vogal nasal.

5 OS GRUPOS COMPLEXOS

Há numerosos tipos de sequência de duas e até três consoantes em *onset*, como se pode ver no Quadro 6, a seguir.⁹

Algumas das consoantes que ocorrem em *onset* simples, não ocorrem como consoante inicial de grupo, tais como /d/, /h/, /z/ e /w/ (indicadas por um sombreado claro, no quadro). A consoante /z/ ocorre em alguns poucos dados, porém trata-se de um /s/, que assimila

o traço [+sonoro] do segmento seguinte. As poucas ocorrências de /d/, precedendo uma consoante, não constituem *onset* mas, sim, *coda* da sílaba precedente. Por outro lado, /w/ foi interpretado por Mattos como consoante inicial de um grupo de consoantes, como na palavra /wde/ ‘árvore’. Nos meus dados, entretanto, não há evidências que justifiquem considerar os dois primeiros segmentos de [ude] ‘árvore’ como um grupo de consoantes, pois o /u/ que aí ocorre é uma vogal silábica que constitui o núcleo da primeira sílaba da palavra.

QUADRO 6 - GRUPOS DE CONSOANTES EM *ONSET*

p	pt, pk pw, pr	t	tp, tk	k	kp, kt kb, kd kw, kr
	ps		Ts		ks
			Tm		km, kn
			tkp tmr		kbr
b	bd bw, br	d			
m	mn mh mw, mr	n	nm nr		
		s	st, sk sd sm, sn sr	h	
			skw, skr		
		z			
		r	rb rn		
w					

Dentre as combinações encontradas, algumas podem ser consideradas grupos próprios porque não violam nem o princípio de sonoridade

nem o OCP. São elas: as combinações de consoantes oclusivas ou nasais seguidas de aproximante, líquida ou fricativa: pw, bw, kw, mw, pr, br, kr, mr, ps, ts, ks. Nesses grupos há uma predominância das consoantes [+graves] em posição inicial e apenas um tipo de grupo com a consoante /t/.

Nos casos dos grupos com /s/ inicial – st, sk, sd, sm, sn, sr, skw e skr –, considero que são grupos propriamente ditos, em razão do estatuto especial do fonema /s/, que pode ocorrer em posições extramétricas em muitas línguas do mundo.

Palavras com sequências de consoantes oclusivas surdas e oclusivas sonoras, orais (kb, kd) ou nasais (mn, nm) seguidas ou não de líquida (mnr), podem apresentar uma vogal epentética [ə], tais como as que ocorrem em [abədu] ‘abelha’, [kədə] ‘anta’ e [kənē] ‘pedra’, nas quais a primeira consoante corresponde ao *onset* de sílabas iniciais com núcleos vazios e por essa razão desfazem os grupos de consoantes fonéticos. Embora haja uma lacuna nos dados quanto à ocorrência de /t/ seguida de consoante sonora oral em sílabas com *onset* CC, incluíse aqui o grupo de três consoantes tbr, visto que apresenta as mesmas características encontradas nos demais grupos examinados.

Dois conjuntos de grupos em *onset*, entretanto, violam (1) o OCP, já que apresentam sequências de consoantes oclusivas surdas: pt pk, tp, tk, kp, kt e (2) o princípio de sonoridade, pois apresentam líquida precedendo oclusiva oral, rb, ou nasal, rn, e consoante nasal precedendo consoante fricativa surda: mh.

CONCLUSÃO

Na língua Akwẽ-Xerente encontra-se oposição entre segmentos orais e nasais tanto nas consoantes como nas vogais.

As sílabas examinadas podem apresentar *onsets* complexos, com combinações variadas de até três consoantes, e *codas* simples com apenas uma consoante de um inventário muito limitado de possibilidades. O núcleo pode ser constituído por apenas uma vogal ou, no máximo, por um ditongo que pode ser oral ou nasal.

Convém salientar que a identificação inicial da ação de um princípio – o OCP – na assimilação da nasalidade, no âmbito da sílaba

e na restrição [$*\nabla N.C$], permitiu desvelar a estrutura da sílaba da língua Akwẽ-Xerente. Por outro lado, a análise acústica, além de proporcionar segurança na identificação dos segmentos, forneceu informações sobre a duração das vogais em diferentes situações, o que contribuiu para a distinção de ditongos e hiatos e de vogais em sílabas com e sem *coda*.

AKWË-XERENTE SYLLABIC STRUCTURE AND NASALIZATION

ABSTRACT

The Akwẽ-Xerente language presents highly complex syllables and different kinds of phonetic changes such as epenthesis and deletion of vowels, which makes it difficult to identify the basic forms of the words. However through acoustic and phonological analysis within the theoretical frames of autosegmental phonology and feature geometry, it is possible to establish some principles that allow the identification of the possible kinds of phonological syllables and of the phonological processes in this language.

KEY WORDS: Akwẽ-Xerente, phonology, nasalization, syllable structure.

NOTAS

- 1 A análise acústica dos dados do Akwẽ-Xerente foi realizada em meu período de pós-doutorado na Universidade Federal de Pernambuco (2008 e 2009), sob a orientação da Profa. Stella Telles, a quem agradeço pela atenção dedicada às questões do Akwẽ-Xerente e pelas numerosas sugestões que me ofereceu para a análise dessa língua. Agradeço também a Sinval Martins de Sousa Filho, da UFG, pelas consultas e trocas de ideias via e-mail e por me ceder a sua versão da tese em Word, o que facilitou muito o preparo dos questionários para a coleta de dados e, posteriormente, a localização das ocorrências de palavras na sua tese.
- 2 A língua Xerente pertence ao grupo Akwẽ, do qual fazem parte, além da língua Xerente, as línguas Xavante e Xacriabi. O grupo Akwẽ pertence à família Jê, do tronco Macro-Jê (RODRIGUES, 1986, p. 47-48). Estima-se que o povo Xerente conta atualmente com cerca de 3.000 pessoas, distribuídas em pouco mais de 50 aldeias, no Estado do Tocantins.
- 3 Além da descrição da fonêmica da língua, Mattos fornece uma “Lista vocabular” com mais de duzentas palavras, em transcrição fonêmica e fonética.
- 4 Mattos apresenta oito exemplos de palavras correspondentes em Xavante e Xerente:

XAVANTE	XERENTE	
we:de	wde	‘árvore’
bēdē:di	bdēdi	‘caminho’
sipesedi	šīpsedi	‘cheio’
đīhadē	dhadē	‘como’
dapotoʔwa	daptokwa	‘criador’
wedehu	wdehu	‘pau’
dapa:ra	dapra	‘pé’
ʔe:dē	kdē	‘pedra’

Convém notar que os exemplos da língua Xerente se encontram em transcrição fonêmica, de acordo com a análise do autor, na qual os fonemas /b/ e /d/ se realizam [b] e [d] quando precedem vogais orais e se manifestam como [m] e [n] quando precedem vogais nasais e também em posição final de sílaba.

- 5 Em sua análise, Mattos afirma que a posição da sílaba tônica é previsível, sendo sempre a última sílaba da palavra. Embora me pareça que o acento em Akwē-Xerente ainda necessite de um estudo mais aprofundado, acompanho neste trabalho a análise de Mattos e apresento todos os exemplos sem indicação de sílaba tônica.
- 6 Note-se que as áreas em branco correspondem a fonemas que não ocorrem em Akwē-Xerente ou a articulações de sons que não são utilizadas nas línguas.
- 7 Embora haja registros de exemplos como [krda] ‘velho’ em Mattos e em Krieger e Krieger, nos meus dados ocorre apenas a forma com a vogal epentética.
- 8 Mattos apresenta um quadro de nove vogais orais (i, e, ε, i, ě, a, u, o, ɔ) e cinco vogais nasais (ĩ, ẽ, ã, ã, õ), mas nos meus dados não ocorrem todas essas distinções. Considero que uma análise mais aprofundada da oposição entre as vogais deve ainda ser realizada.
- 9 Neste trabalho não considerei os casos de consoantes longas (duplas ou geminadas) pois, entendo que requerem um estudo específico.

REFERÊNCIAS

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. Internal organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Org.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1996. p. 245-306.

GRANNIER, D. M. Os grupos de consoantes próprios em Xerente e as sílabas com núcleos vazios. Comunicação apresentada no 4º Encontro Macro-Jê, realizado em 2005, na Universidade Federal de Pernambuco, 2005a.

GRANNIER, D. M. Aspectos gerais dos grupos de consoantes em Xerente e algumas alterações encontradas na fala pausada. Comunicação apresentada em SIMPÓSIO INTEGRADOS DE LETRAS “LINGUAGEM: MÚLTIPLOS OLHARES”, realizado em 2005, na Universidade Federal de Goiás, 2005b.

GRANNIER, D. M.; SOUZA, S. L. *Fonologia segmental da língua Xerente*. 2005. Inédito.

KRIEGER, W. B.; KRIEGER, G. C. *Dicionário Escolar: Xerente-Português-Xerente*. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

MATTOS, R. de. Fonêmica Xerente. *Série Linguística*. Brasília: Summer Institute of Linguistics. n. 1, p. 79-100, 1973. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/PUBLICNS/LING/XePhon.pdf>>, p. 1-15. Acesso em: 19 ago. 2009.

PIKE, K. L. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1973.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SIQUEIRA, K. M. de F. *Aspectos do substantivo na língua Xerente*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

SOUZA FILHO, S. M. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê)*. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

SOUZA, S. L. *Aspectos fonético-fonológicos da língua Akwẽ-Xerente*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.